

EXPEDIÇÃO HUMBOLDT

Pesquisadores brasileiros e estrangeiros refazem percurso feito por cientista alemão na Amazônia no final do século XVIII. Lá, desenvolverão estudos em áreas como biotecnologia e hidrologia

Muito além das fronteiras

Rodrigo Caetano
 Da equipe do **Correio**

O cientista alemão Alexander von Humboldt chegou à Venezuela em julho de 1799, em companhia do botânico Aimé Bonpland, com a intenção de cruzar a Bacia Amazônica. Para isso, subiu de canoa o Orenoco e o Rio Negro, mas foi barrado na fronteira do Brasil. À época, o país era colônia de Portugal e o governador do Pará (território que englobava os atuais estados do Amazonas e Pará) acreditava que Humboldt podia ser um espião a serviço da Espanha, na época inimiga dos portugueses. Frustrado, Humboldt foi obrigado a retornar. Duzentos anos depois, 49 pesquisadores brasileiros e estrangeiros vão tentar percorrer o mesmo trecho que o cientista conheceu e, dessa vez, irão ultrapassar todas as fronteiras para chegar no dia 4 de novembro em Belém, na foz do Rio Amazonas.

Mas a expedição, logo de início, teve de se adequar à realidade do século XXI: em vez de governador xiita, traficantes. Um dos trechos foi alterado por causa de guerrilhas para controle do narcotráfico que estão ocorrendo na fronteira do Brasil com a Colômbia e parte da Venezuela. "Fomos desaconselhados pelas autoridades locais a cruzar aquele território. Eles alegaram que não poderiam nos dar proteção", observa o biólogo César Martins de Sá, também coordenador do programa de pós-graduação em biologia molecular da Universidade de Brasília (UnB).

Isso não desanimou a equipe. Hoje, os participantes da expedição estão começando o trajeto por rio a partir do município de Ciudad Guayana, na Venezuela. Ao todo, dez pesquisadores, sendo dois venezuelanos, vão explorar o canal do Cassiquiare — com 300 quilômetros de extensão, que liga a bacia do Rio Orenoco com a do Rio Negro. Nesse trecho, na cidade religiosa de San Carlos do Rio Negro, eles passarão pela mesma castanheira que Humboldt plantou naquela época. Os tripulantes saíram de Brasília há cinco dias e foram de avião até Manaus. No dia primeiro de setembro, oito tripulantes da expedição Humboldt 2000 pegaram um microônibus em direção a Roraima para chegar à Venezuela.

A intenção do grupo é pesquisar a fauna, a flora e os aspectos culturais e antropológicos de

idades ribeirinhas da Bacia Amazônica. Dentro dos vários projetos, estão o mapeamento dos locais onde ocorrem desmatamentos na floresta e a biopirataria, uma prática realizada por estrangeiros que entram no país para roubar plantas e microorganismos para estudos e criação de novos medicamentos.

ORÇAMENTO REDUZIDO

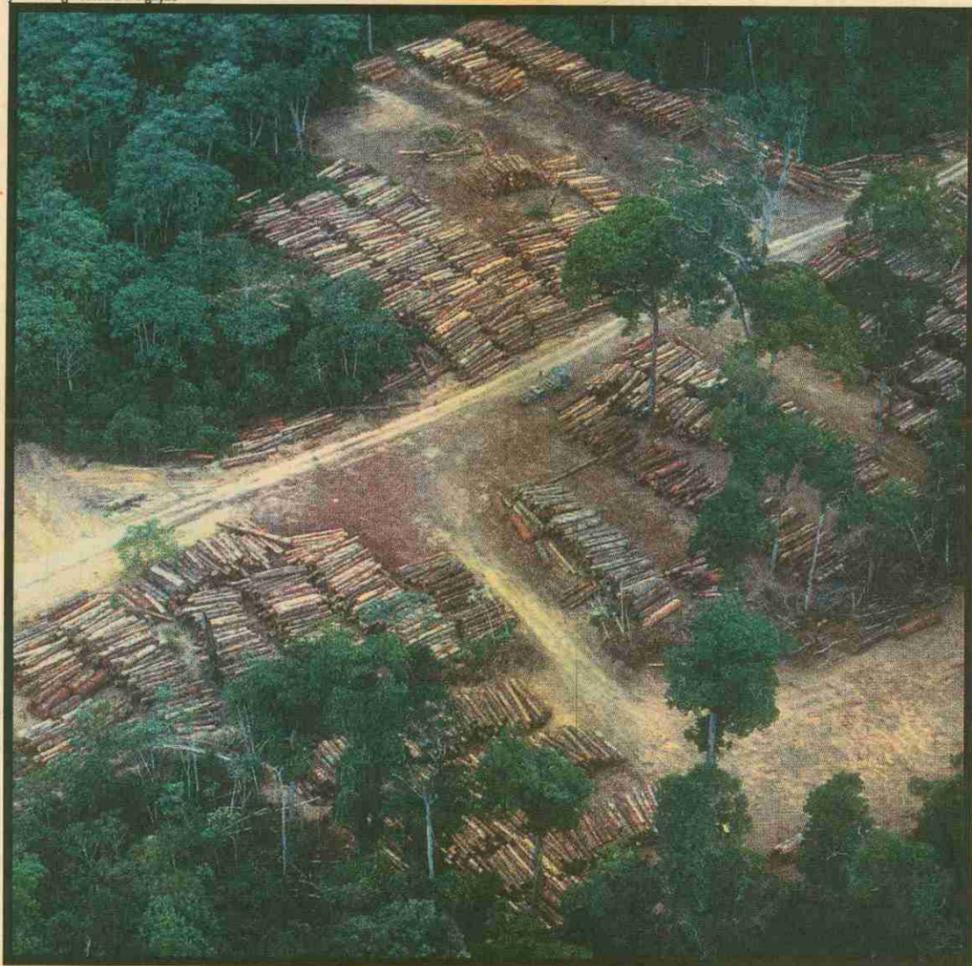
A viagem vai durar 65 dias e custará R\$ 600 mil. Os pesquisadores vão percorrer 7 mil quilômetros de percurso em rios (em três barcos diferentes) e 3,5 mil quilômetros de percurso terrestre (veja mapa). Como as embarcações não são grandes, alguns cientistas vão integrando na expedição no meio do caminho e outros voltarão para casa mais cedo.

No dia 3 de outubro, está prevista a entrega aos índios das tribos mindurucuxi, baniva macuxi e ticuna de 20 imagens fotográficas de utensílios e artesanatos feitos há 170 anos pelos ancestrais desses indígenas. As fotos feitas por Juan Pratginestós são dos objetos originais que estão no Museu de Etnologia de Viena, na Áustria. "Com a doação, pretendemos estimular os índios artesãos, mostrando as obras de arte que faziam seus antepassados", diz Pratginestós, fotógrafo oficial da expedição — que está levando 500 filmes de 36 poses (18 mil fotos).

A expedição tem um lado político marcante. Os coordenadores da Humboldt 2000 garantem que os laços entre Venezuela e Brasil, tanto de pesquisa quanto de colaboração, já se estreitaram por causa da Humboldt 2000. "Haverá um intercâmbio de cientistas entre as universidades dos dois países e um acordo de cooperação para estudos amazônicos", declara Lauro Mohry, nascido no Amazonas e

atual reitor da UnB. A equipe do Humboldt 2000 é composta por pesquisadores de diversas áreas, como arqueologia, etnografia, biologia molecular, botânica, zoologia, história, antropologia, astronomia, geologia e fitogeografia. Cada cientista tem autonomia para pesquisar o que achar interessante de cada localidade. E ao deixar o barco, são obrigados a apresentar um relatório do que estudaram. "Com isso, a UnB pretende ser um dos núcleos do país especializados em conhecimentos amazônicos", comenta o historiador Victor Leonardi, um dos coordenadores da expedição.

Juan Pratginestós/Divulgação



ÁREA DESMATADA NA AMAZÔNIA: ESTUDOS REVELARÃO GRAVIDADE DO FENÔMENO NAS REGIÕES RIBEIRINHAS

TRECHO

Depoimento de Goethe sobre o cientista

Alexandre von Humboldt passou algumas horas na minha casa esta manhã. Que homem! Eu o conheço há bastante tempo, porém ele me surpreende sempre. Seu conhecimento e sabedoria são inigualáveis. Nunca vi um espírito tão universal. Qualquer que seja o assunto, ele distribui tesouros do espírito.

Goethe (poeta alemão)



ONTEM E HOJE

HUMBOLDT HA 200 ANOS	
INÍCIO julho de 1799	PERCURSO de Cumaná, ao lado de Guiría (Venezuela, estado de Sucre), a São Carlos do Rio Negro, na fronteira com o Brasil (ida e volta) rios: Orenoco e Negro
DURAÇÃO 12 meses	EMBARCAÇÃO canao e lombo de burro
EQUIPE Alexander von Humboldt e Aimé Blompland (botânico)	
HUMBOLDT HOJE	
INÍCIO setembro de 2000	PERCURSO de Ciudad Guayana, Venezuela até Belém do Pará
DURAÇÃO 65 dias	RIOS Orenoco, Negro e Amazonas
EQUIPE 49 pesquisadores (39 brasileiros e 10 venezuelanos), coordenados pelo historiador Victor Leonardi e pelo biólogo César Martins de Sá	EMBARCAÇÃO barco de transporte de passageiro em oceano, gaiola amazônica, barco de pesca e bote

QUEM FOI HUMBOLDT

Foi um dos maiores cientistas do seu tempo. Nasceu em 1769 na Alemanha e morreu aos 89 anos. Deixou extensa pesquisa na área biológica, astronômica e antropológica. O cientista era amigo do escritor Goethe, do matemático Laplace, do químico Gay-Lussac e colega do brasileiro José Bonifácio de Andrada e Silva, o patriarca da independência. Humboldt passou a virada do século XVIII nas Américas. Queria conhecer as terras do outro lado da Europa para entender melhor o Velho Mundo. Antes disso, passou pela África. Atravessou o Atlântico e, em 1799, e queria cruzar o Rio Amazonas desde a Venezuela até a foz no Brasil.

Projeto para os carentes

A hidrologia e a biologia molecular deverão ser as áreas de destaque da expedição organizada pela Universidade de Brasília (UnB). No Amapá, será desenvolvido, por exemplo, o projeto *Pingo D'água* — para incentivar as populações carentes a captar e tratar a água da chuva. Em relação à biotecnologia, o professor César Martins, PhD pela Universidade de Paris, aposta nos estudos da biodiversidade dos fungos — que podem render num futuro breve produtos como medicamentos e até bioinseticidas. Alguns resultados da expedição já estão até programados, como um livro em dois volumes com as considerações de cada um dos 49 pesquisadores, exposição fotográfica, vídeos com palestras, depoimentos e registros vívidos pelos participantes. A tradução desse material levará em conta as observações do diário original de Humboldt. (RC)